

Globethics Repository



O decrescimento não é o crescimento negativo [The decrease is not the negative growth]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Latouche, Serge
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-25 10:04:07
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162955

“O DECRESCIMENTO NÃO É O CRESCIMENTO NEGATIVO”**Entrevista com Serge Latouche**

*Defensor do decrescimento, o economista, sociólogo e antropólogo Serge Latouche, é um dos entrevistados da presente edição. S. Latouche é professor na Universidade de Paris-Sul e presidente da Associação Linha do Horizonte. É autor de **Les Dangers du marché planétaire** (Os perigos do mercado planetário). Paris: Editora Presses de Sciences, 1998; **La déraison de la raison économique**. Paris: Albin Michel, 2001; **La pensée créative contre l'économie de l'absurde**. Paris: Parangon, 2003; **Justice sans limites - Le défi de l'éthique dans une économie mondialisée** (Justiça sem limites. O desafio da ética numa economia globalizada), Paris: Fayard, 2003; e **La pensée créative contre l'économie de l'absurde** (O pensamento criativo contra a economia do absurdo), Paris: Parangon, 2003. Latouche publicou no Brasil **A Ocidentalização do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1994. Serge Latouche foi entrevistado por e-mail. Dele, **IHU On-Line** publicou outra entrevista, denominada “O desenvolvimento é insustentável”, em sua 100ª edição, de 10-05-2004. Para esta edição, Serge Latouche foi entrevistado por e-mail.*

IHU On-Line - Quais são as pressuposições de uma economia aplicada ao decrescimento? Qual é sua definição de decrescimento?

Serge Latouche - Precisemos logo de saída que o decrescimento não é um conceito e, em todo o caso, ele não é o simétrico do crescimento. Trata-se de um *slogan* político com implicações teóricas. A palavra de ordem de decrescimento tem, assim, por objeto marcar fortemente o abandono do objetivo do crescimento pelo crescimento, objetivo insensato cujo motor não é outro se não a busca desenfreada do lucro pelos detentores do capital e cujas consequências são desastrosas para o meio ambiente. Com todo rigor, seria mais conveniente falar de um “a-crescimento”, como se fala de “a-teísmo”, mais do que de um “de-crescimento”. Trata-se, precisamente, do abandono de uma fé: a da economia, a do crescimento, a do progresso e a do desenvolvimento.

IHU On-Line - O decrescimento é um crescimento negativo?

Serge Latouche - Evidentemente não se trata de uma inversão caricatural que consistiria em preconizar o decrescimento pelo decrescimento. Em particular, o decrescimento não é o crescimento negativo, expressão antinômica e absurda que traduz bem a dominação do imaginário do crescimento. Sabe-se que o simples retardamento do crescimento precipita nossas sociedades na confusão, em razão do desemprego e do abandono dos programas sociais, culturais e ambientais que asseguram um mínimo de qualidade de vida. Pode-se imaginar que catástrofe seria uma taxa de crescimento negativo! Da mesma forma como não há nada pior do que uma sociedade de crescimento sem crescimento. É isso que condena a esquerda institucional, na falta de ousar a descolonização do imaginário, ao social-liberalismo. O decrescimento só pode, pois, ser encarado numa “sociedade de decrescimento”.

IHU On-Line - O pós-desenvolvimento se apresenta da mesma forma nos países do Norte e do Sul?

Serge Latouche - O pós-desenvolvimento e a construção de uma sociedade alternativa não se apresentam necessariamente da mesma forma no Norte e no Sul. Para o Norte, a diminuição da pressão excessiva do modo de vida ocidental sobre a biosfera é uma exigência de bom senso, ao mesmo tempo que é uma condição da justiça social e ecológica. No que concerne aos países do Sul, tocados de cheio pelas consequências negativas do crescimento do Norte, se trata menos de decrescer (ou de crescer opostamente) do que de reatar o fio de sua história,

rompida pela colonização, pelo imperialismo e pelo neo-imperialismo militar, político, econômico e cultural. A reapropriação de sua identidade é pré-requisito para levar aos seus problemas soluções apropriadas. Para que o Sul possa viver e sobreviver, é preciso que nosso peso sobre o planeta diminua. Nós temos uma enorme dívida ecológica. Não obstante, o decrescimento diz respeito às sociedades do Sul, na medida em que elas estão engajadas na construção de economias de crescimento, a fim de evitar que se encravem mais no impasse ao qual esta aventura nos condena. Tratar-se-ia para elas, se ainda há tempo, de se “desembrulhar”, isto é, de afastar os obstáculos de seu caminho para expandir-se de outra maneira. É claro que o decrescimento do Norte é uma condição da expansão de toda forma de alternativa para o Sul, tanto que a Etiópia e a Somália estão condenadas, na mais dura carestia, a exportar alimentos para nossos animais domésticos. Enquanto nós engordamos nosso gado de abate com as tortas de soja feitas sobre as queimadas da Floresta Amazônica, nós asfixiamos toda tentativa de verdadeira autonomia para o Sul.

IHU On-Line - Como a crítica à idéia de desenvolvimento em vigor pode ser incorporada pela sociedade? Qual é o papel da mídia?

Serge Latouche - O decrescimento só pode ser encarado numa “sociedade de decrescimento”. Convém, então, precisar os contornos do que poderia ser uma sociedade de “não-crescimento”. Uma política de decrescimento poderia consistir, em primeiro lugar, em reduzir ou suprimir as externalidades negativas do crescimento, que vão dos acidentes de percurso às despesas de medicamentos contra o estresse. Isso inclui também a redução do volume considerável de deslocamentos de pessoas e de mercadorias no planeta, com a redução do impacto negativo correspondente sobre o meio ambiente (portanto, uma “relocalização” da economia), a redução da não menos considerável publicidade barulhenta e, muitas vezes, nefasta, e, enfim, a redução da obsolescência acelerada dos produtos e dos ingredientes descartáveis, que não tem outra justificativa além de fazer andar mais depressa a megamáquina infernal, constituem reservas importantes de decrescimento no consumo material.

IHU On-Line - Não há méritos no modelo de desenvolvimento, que possam ser úteis para um novo modelo de sociedade? Qual é o legado da esquerda para a luta em favor deste novo modelo?

Serge Latouche - Isso não implica, necessariamente, a rejeição de toda ciência, nem a recusa de toda técnica. Nós não negamos nossa pertença ao Ocidente, cujo sonho progressista nos assombra. Todavia, nós aspiramos a uma melhoria da qualidade de vida, e não a um crescimento ilimitado do PIB. Reclamamos para nós a beleza das cidades e das paisagens, a pureza dos lençóis freáticos e o acesso à água potável, a transparência dos rios e a saúde dos oceanos. Nós exigimos uma melhoria do ar que respiramos, do sabor dos alimentos que ingerimos. Há ainda bastantes “progressos” a fazer para lutar contra a invasão do ruído, para ampliar os espaços verdes, para preservar a fauna e a flora selvagens, para salvar o patrimônio natural e cultural da humanidade, sem falar de “progressos” a fazer na democracia. Atualmente, a América do Norte (Canadá e Estados Unidos) consome doze vezes mais, e a Europa Ocidental cinco vezes mais do que o restante do mundo. É este superconsumo que seria necessário reduzir para aliviar as urgências energéticas que pesarão mais onerosamente sobre nosso futuro e para chegar a uma partilha mais igualitária do bem-estar mundial.

IHU On-Line - O que pode mudar cada cidadão em seu modo de vida cotidiano, se a barreira ao decrescimento se situa antes em nossas cabeças do que nas reais dificuldades em implantá-lo?

Serge Latouche - Para não ficar na opinião de um condicionamento ideológico, fundado no crescimento e na ciência, o novo, o progresso, o consumo, o crescimento condicionam esta evolução. A prioridade é, pois, a de se engajar em escala individual na simplicidade voluntária. É mudando a nós mesmos que transformaremos o mundo. Isso passa pela escolha de seu banco, de suas compras: fazer apelo a produtores locais. É necessário encontrar valores mais saudáveis. Devolver o gosto a cada um de fazer o seu jardim, de se bastar a si mesmo. Foram perdidos o sabor e a vontade. Mas pouco a pouco seremos capazes de criar este novo sistema.

IHU On-Line - Alguma observação que o senhor queira acrescentar?

Serge Latouche – Nossas sociedades estão enfermas de enfoques meramente econômicos. O crescimento gera um sem número de desigualdades e de injustiças. A polarização das diferenças sempre afetou mundialmente as desigualdades e, desde o fim dos trinta gloriosos⁴, isso se verifica também em cada país, mesmo no Norte. O decrescimento, única alternativa possível contra o desenvolvimento da miséria e a destruição do planeta, visa a entregar às gerações futuras um planeta, no qual não somente será possível viver, mas onde será bom viver. O decrescimento não propõe viver “menos, mas melhor”, com “menos bens e mais elos”. Os partidários do decrescimento pensam que a crise ecológica imporá uma redução da produção material: é melhor se preparar para isso e assumi-la livremente “num quadro humanista e democrático”, sob pena de incidir no “totalitarismo” e na “barbárie”, que geraria uma crise insuperável.

[\(Voltar ao índice\)](#)

“É PRECISO DESMISTIFICAR A IDÉIA DE QUE GOVERNOS DE ESQUERDA SÃO MAIS CORRETOS AMBIENTALMENTE”

Entrevista com Marcel Bursztyn

Marcel Bursztyn é professor da Universidade de Brasília, onde dirige o Centro de Desenvolvimento Sustentável. Graduiu-se em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e obteve o título de mestre em Planejamento Urbano e Regional pela mesma universidade, com a dissertação *Determinantes da localização residencial: o caso da população de baixa renda na área metropolitana do Rio de Janeiro*. É doutor em Desenvolvimento Econômico e Social pela Universidade de Paris I (Pantheon-Sorbonne), U.P.I, França e doutor em Economia pela Universidade de Picardie, UP, França, com a tese *Le rôle économique de l'État dans le Nordeste brésilien*. É pós-doutor pela Universidade de Paris XIII (Paris-Nord), U.P. XIII, França e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), França. É autor, co-autor e organizador dos livros **Que Crise é Essa ?**. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Organizador, juntamente com Leitão, Pedro e Chain, A). **O Poder dos Donos - Planejamento e Clientelismo no Nordeste**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984. **O País das Alianças: Elites e Continuísmo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1990. **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993 (Org.). **Da Utopia à Exclusão: Vivendo nas ruas em Brasília**. Rio de Janeiro/Brasília: Garamond/Codeplan, 1997 (juntamente com Araújo, C. H.). **Cristovam Buarque: O Semeador de Utopias**. Brasília: Editora UnB, 1998. **Amazônia Sustentável: uma estratégia de desenvolvimento**. Brasília: Ibama/CDS: IBAMA, 1999 (juntamente com Bartholo Jr., R.). **No Meio da Rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000 (Org.). **Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Sustentável - Subsídios à Elaboração da Agenda 21 Brasileira**.

⁴ A expressão “trinta gloriosos” designa o período de crescimento forte e regular dos países industriais, de 1945 a 1974 (Nota do *IHU On-Line*).